

Dessincronose

Lima, André Pietsch

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Lima, A. P. (2008). Dessincronose. *ETD - Educação Temática Digital*, 9(esp.), 262-265. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-72934>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:

<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more information see:

<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

DESSINCRONOSE**DESSINCRONOSE*****André Pietsch Lima***

O senhor Ivry, naturalista com senso de observação apurado, tendo classificado inúmeras plantas com seu amplo conhecimento sobre estames e pistilos, concebia-as como representantes de uma chave taxonômica gigantesca com ornamentos que se multiplicavam a cada volta que dava com ela nos jardins pelos quais passava. Sua vida era, em grande parte, coletar e catalogar plantas, livrando-as das trevas do anonimato e do abandono nos jardins sem nome. Enquanto isso, os jardins, inominados, floriam.

Certo dia, foi arrebatado por uma constatação radiante penetrando sua mente como uma flecha a uma maçã, partindo-a em dois. Ele se deu conta de que certas flores, bastante exatas, apresentavam ritmicidade notavelmente regular, pelo fato de abrirem e fecharem em determinadas horas do dia segundo ciclos circadianos, independentemente da variabilidade das condições climáticas e das proporções de claro e escuro no correr dos dias. Eram comparáveis aos relógios mecânicos convencionais com a diferença principal de que eram bem mais antigas do que eles. Logo, pensou que foram concebidas para lhe indicar as horas. Pensou também que guardariam os segredos do misterioso mecanismo do tempo biológico e físico. Outras flores, menos perfeitas e, portanto, anexatas, tinham sua abertura e fechamento sujeitas à variabilidade das condições climáticas e das proporções de claro e escuro no correr dos dias. Estas, pensou, deveriam ser degenerescências das primeiras.

Percorrendo os jardins com um enorme saco de coleta e sua pesada chave taxonômica, já não precisava mais de relógio mecânico para consultar o tempo. A natureza estava ali à sua disposição, com seus ponteiros florais, marcando-lhe as horas. A sensação dessa marcação era acompanhada de uma vontade irresistível de coletar as plantas para levá-las ao seu laboratório onde, burilando estames e pistilos, procedia a confirmação e o desenvolvimento das chaves taxonômicas. Cumprida a tarefa de classificação, isolava as flores exatas das flores anexatas e as mais exatas das exatas do conjunto das exatas, hierarquizando-as segundo o grau de exatidão cronobiológica. Nosso naturalista tinha a esperança de preencher o topo cada vez mais alto da hierarquia de exatidões cronobotânicas com outras plantas que seriam

encontradas por ele após algumas rondas suplementares, com molhos de chaves taxonômicas, por outros jardins.

Se estas flores exatas precederam, na arte de marcar o tempo, a espécie à qual ele pertencia, elas poderiam lhe revelar os segredos dos ritmos naturais já que provavelmente o tempo estaria nas fundações dessas arquiteturas vegetais, irrigando sua curiosidade científica e, quem sabe, todos os seus esforços poderiam resultar em contribuições valiosas ao desenvolvimento da Ciência e, a ele, uma merecida sina de glória como reconhecimento pelo seu esforço e por sua vontade de saber. Aconteceu à sua mente a idéia engenhosa de criar um jardim com nome, exato como um relógio, a partir da ritmicidade de flores exatas: um laboratório de cronobotânica. E assim ele o fez. A esse jardim ele chamou de “Relógio Floral”.

O senhor Ivry passou, pouco a pouco, a olhar até mesmo para um *bouquet* com se olhasse para um relógio. E, para um relógio como se olhasse para um *bouquet*. Para as pessoas comuns, pelo menos dois. Mas, na sua percepção de agudeza científica, tratava-se de uma coisa só apontando como seta para uma carreira brilhante. O mecanismo do tempo encontrou sua outra metade na chave taxonômica desse naturalista e esta unidade pareceu-lhe uma revelação: o mundo floria de hora em hora, de meia em meia hora, talvez a cada dez minutos... De qualquer maneira, exercitava-se cada vez mais obstinadamente em descobrir as horas a partir da abertura e fechamento das flores e os minutos em função do ângulo de abertura e de fechamento dessas flores. Acreditava que os ritmos das flores exatas correspondessem ao tempo cronológico tal como o via nos relógios à sua volta. Chegou a pensar que o tempo floral poderia corrigir eventuais imprecisões dos relógios mecânicos convencionais.

Metodicamente, passou a organizar seu novo jardim como se fosse, de fato, um laboratório a céu aberto. Primeiramente esquematizou-o em papel, prevendo cuidadosamente a disposição das flores na extensão de um espaço circular, na forma de relógio. Levando em consideração o momento do dia em que as flores abrem e fecham, ele fazia corresponder cada conjunto floral à posição correta correspondente, segundo a marcação das horas num relógio convencional. Depois da planificação cuidadosa, transportou o esquema para seu jardim. Ele já pensava em descobrir o que diferia realmente uma flor que abre em determinada hora da que abre na meia hora seguinte das que abrem nos dez minutos que se seguem... Mas esse

seria um grande salto a ser dado após percorrer uma fila de pequenas e saltitantes investigações.

No início, tudo corria como o senhor Ivry esperava. As flores abriam e fechavam nas horas determinadas pelos seus planos. Mas, com o tempo e com o depuramento de suas observações, constatou que o “Relógio Floral” desacertava aqui e ali. Trocava as flores umas pelas outras e também de lugar. Para seu espírito de homem de ciência, era uma questão de tempo para que resolvesse essa teimosia das flores em discordar das horas.

Todas as vezes em que procurava tornar seu jardim o mais exato possível, o “Relógio Floral” teimava em desacertar, mais cedo ou mais tarde. Algumas das flores, mal-criadas, se recusavam a abrir, se alternando em pequenas rebeliões que o contrariavam a ponto de ele eliminar algumas das rebeldes de seu jardim e substituí-las por flores que considerava mais exatas. Estas, por sua vez, logo entravam em discordância com os relógios à sua volta. Sucedeu-se à primavera o verão, o outono e o “Relógio Floral” começou a colocar desafios cada vez mais árdios ao senhor Ivry. As flores de diferentes espécies floriam em épocas diferentes do ano, os indivíduos no interior de cada espécie tampouco floriam exatamente ao mesmo tempo. Nem mesmo abriam e fechavam com a sincronicidade que desejava. Tudo isso fazia o conjunto atrasar com o passar do tempo até que o jardim inteiro parou logo no início do inverno permanecendo assim, parado, durante toda a fria estação. Nosso naturalista desacelerou junto, em melancolia profunda. Apesar da regularidade de seu jardim ter sido duramente atacada pelo frio e de o senhor Ivry se encontrar exausto com as incansáveis correções, continuava inteiramente voltado para o planejamento de um “Relógio Floral” mais acurado e, paciente, aguardou o início da primavera.

Durante todo o inverno as chaves taxonômicas e as múltiplas combinações florais floriam radiantes através dos seus esquemas ao mesmo tempo em que o deixavam triste pela lembrança de seu relógio parado lá fora, coberto de neve. Chegado o degelo e então a primavera, os jardins explodiram em cores vivas. No entanto, ele voltou ao seu jardim, que via em preto-e-branco, pois agora estava mais do que nunca desconfiado das flores. Enquanto outros jardins, inominados, floriam, o “Jardim Floral” continuou apenas contrariando o senhor Ivry, teimando em marcar as próprias horas.

ANDRÉ PIETSCH LIMA

Professor adjunto do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná

E-mail: apietschlima@gmail.com

Recebido em: 10/03/2008

Publicado em: 20/10/2008